



O Insensato Ludovico Silva Entre a Poesia e o Marxismo

Gilberto Felisberto Vasconcellos¹

Resumo

Ludovico Silva foi um grande poeta venezuelano que se destacou também pelo rigor conceitual ao escrever meia dúzia de livros sobre o conceito de alienação na obra de Karl Marx. Como ele mesmo salientou, é difícil encontrar abordagem tão profunda sobre a alienação e a ideologia em outras paragens do mundo. Não apenas leu Marx, fez exegese e hermenêutica de seus textos, avançou na recriação inventiva de categorias e conceitos elaborados por Karl Marx em *O Capital* e *Grundrisse*. Criou a categoria talvez mais importante do marxismo no século XX, a de mais-valia ideológica. Há quem diga que essa categoria poderia ter sido incluída no último capítulo do último volume de *O Capital*. Vale destacar o originalíssimo livro sobre o estilo literário de Karl Marx. Atenção: não se trata de um estudo sobre o gosto literário de Karl Marx (Heine, Shakespeare, Diderot, Cervantes, Goethe, Ésquilo), e sim uma análise imanente da linguagem de Karl Marx, cuja dimensão literária o levou a iluminar cientificamente os aspectos sociais e econômicos da realidade.

Palavras-chave: Ideologia. Literatura. Política.

El Insensato Ludovico Silva Entre la Poesía y el Marxismo

Resumen

Ludovico Silva ha sido un gran poeta venezolano que se ha destacado también por el rigor conceptual al escribir algunos libros acerca del concepto de alienación en la obra de Karl Marx. Como el mismo ha dicho, es difícil encontrar un abordaje tan profundo sobre la alienación y la ideología en otras parajes del mundo. Él no apenas ha leído Marx, también ha hecho exegesis y hermenéutica de sus textos y ha avanzado en la recreación inventiva de categorías y conceptos elaborados por Karl Marx en *El Capital* y *los Grundrisse*. Ha creado la categoría quizás más importante del marxismo en el siglo XX, la de la plus-valía ideológica. Dicen que esa categoría podría haber sido incluida en el último capítulo del último volumen del *Capital*. Vale destacar su originalísimo libro acerca del estilo literario de Karl Marx. Atención: no se trata de un estudio sobre el gusto literario de Karl Marx (Heine, Shakespeare, Diderot, Cervantes, Goethe, Ésquilo), pero un análisis inmanente del lenguaje de Karl Marx, cuya dimensión literaria lo ha llevado a alumbrar científicamente los aspectos sociales y económicos de la realidad.

¹ Gilberto F. Vasconcellos é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1972) e doutor pela Universidade de São Paulo (1977). Atualmente é professor adjunto 4 da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura e Sociologia Política, atuando principalmente nos seguintes temas: Pensamento Social Brasileiro, Desenvolvimento, Energia e Folclore. Coordenador da oficina audio-visual Kivideobiopsicomassafolk na Universidade Federal de Juiz Fora.

Palabras-clave: Ideología. Literatura. Política.

The Insensate Ludovico Silva Between Poetry and Marxism

Summary

Ludovico Silva was a great Venezuelan poet who also highlighted by the conceptual rigor to write half dozen of books about the concept of the alienation in the work of Karl Marx. As he pointed out, is hard to find so profound approach on the alienation and the ideology in another places in the World. Not only he has read Marx, but he also did the exegesis and the hermeneutics of the his texts, went forward in the inventive recreation of categories and concepts created by Karl Marx in the “Capital” and “Grundrisse”. Maybe, he created the most important category of Marxism in century XX, the category of the ideological surplus value. One says that this category could be included in the last chapter in the last volume of the “Capital”. It is worth noting his so original book about the Karl Marx literary style. Warning: it is not a study on the literary taste of Karl Marx (Heine, Shakespeare, Diderot, Cervantes, Goethe, Ésquilo), but an immanent analysis of the language of Karl Marx, whose literary dimension took him to illuminate scientifically the social and economic aspects of the reality.

Keywords: Ideology, Literature, Politics

É preciso esclarecer o desocupado leitor sobre o significado de “insensato”, pois Ludovico Silva foi um poeta obcecado pela abordagem filológica das palavras, tal qual Miguel de Unamuno, professor de grego que o encantava por buscar a origem e o sentido etimológico dos vocábulos. Nisso Ludovico Silva foi influenciado por Mallarmé, para quem não havia vocábulo que não fosse fatal. Conhecedor de latim e grego (falava uma porção de línguas, como Engels, inclusive japonês), o venezuelano nascido em 1937, que fazia versos maravilhosos e possuía notável rigor conceitual em seu marxismo inventivo, gostava de se definir poeta insensato e de elaborar questões insensatas. Enfim, um homem que levou uma vida insensata.

Em seu livro *Teoria Poética* explicou o motivo de identificar a poesia com o ponto de vista do insensato:

La figura filosófica del insensato, de esa especie homérica de un Tersites, hombre ridículo ebrio de hybris o insolencia, que increpa feamente a un Agamenón, ese pobre y olvidado individuo, tiene o debería tener un lugar de excepción en la historia de la filosofía (es lo mismo insipiens dixit de la Biblia). Gracias a ciertas geniales insensateces y altatenias groseras, hombres como Quevedo o Shakespeare han logrado maravillosos descubrimientos y han penetrado el corazón como no haría nunca el sensato, el hombre del common sense, el pedestre pequeño burgués avaro que cuenta todos los días sus monedas como se fueran fetiches (SILVA. 2008. Pg.106.)

Em alguns momentos Lenin foi considerado (não só pelos seus inimigos) como um insensato, um “maníaco”, segundo Trotsky no livro *Escritos Filosóficos* (SILVA.2004. Pg.86). A pacata sensatez burguesa é sinônimo de opinião, a “doxa” grega que se contrapõe à ciência, a opinião sem julgamento, o senso comum que vai dar na ideologia, o sustento

espiritual do sistema, vocábulo que foi destrinchado em sua história, sendo analisado em profundidade na obra de Karl Marx, dedicando-lhe vários livros de aguda exegese para afirmar o seu significado unívoco: o de ocultação da realidade e dos interesses econômicos de classe. É esse o sentido preciso e depreciativo da palavra ideologia na obra de Marx, conforme Ludovico reiterou no “Pórtico” de sua *Opera Poetica*, por conseguinte está em oposição à consciência de classe e à teoria, que etimologicamente em grego quer dizer ver claro. Em *Belleza y Revolución* (SILVA. 1979. Pg.242) prestou homenagem ao poeta Nicolas Guillen que lhe ensinou o conhecimento da realidade trazido pela poesia. Se beleza é revolução, conformismo rima com feiura, que não é senão o reinado do valor de troca, de que estão apartados ou não toleram os escritores “outsiders” como Edgar Alain Poe e Rimbaud, em cuja poesia estava latente o comunismo de Marx, ao contrário de Verlaine, considerado um burocrata da boemia.

Arte e Capitalismo

A hostilidade do capitalismo à arte é uma constante em todos os livros de Ludovico, o qual começou a poetar (1964) antes de tornar-se marxista, diferentemente dos futuristas russos, como reparou em *Literatura e Revolução* (1923) Leon Trotsky, que aliás raramente é citado por Ludovico (Rosa Luxemburgo, sim), o que não deixa de ser surpreendente porque o revolucionário russo teorizou sobre arte e revolução em parceria com o surrealista André Bretton, e foi contra (junto com Lenin) a “proletkult”, assim como repudiou o realismo socialista lançado em 1930 pela burocracia de Stalin. Antes da revolução de 1917 escrevia crítica literária e em *Literatura e Revolução* Trotsky assinalou que os poetas futuristas eram poetas que se tornaram comunistas, e não comunistas que se tornaram poetas. E foram artisticamente fracos quando cantaram o comunismo.

Burguesia Gangster

A crítica das origens sociais econômicas da subida de Stalin em 1924 escapou à abordagem de Ludovico, embora odiasse o stalinismo em seus efeitos mundiais contrarrevolucionários. O único livro em que aparece Trotsky é o póstumo *Na Busca do Socialismo Perdido*. Aí Ludovico se equivoca ao considerar Gorbachov um leninista, Trotsky é visto como mártir, e não como crítico da burocracia stalinista da qual descendeu Gorbachov. É surpreendente, porque Ludovico foi amigo e admirador do trotskysta Ernest Mandel. A ferida do socialismo foi a burocracia anti-Trotsky que surgiu na União Soviética. Ernesto Mandel é considerado por Ludovico Silva como o melhor economista marxista do século. Disso o que se conclui é que, faltando Trotsky na análise, Ludovico se equivocou na

apreciação de Gorbachov, o FHC russo, como dizia Leonel Brizola, que tomou conhecimento de Trotsky pela trilogia de Issac Deutscher.

Ludovico adolescente queria ser poeta, e diferentemente de Maiakovsky (o camarada máuser) que carecia, segundo Trotsky, de cultura marxista, tornou-se, no século XX, um dos mais vigorosos autores marxistas, principalmente com o original conceito de mais-valia ideológica e a análise do estilo literário de Marx, expostos em dois magníficos livros que devem ser lidos simultaneamente para a compreensão do capitalismo vídeo-financeiro, no qual a televisão converteu-se em arma indispensável do imperialismo em escala mundial. O livro *O Estilo Literário de Marx* é dedicado ao filósofo Juan Garcia Bacca, autor de um ensaio magnífico sobre Parmênides e Mallarmé, o poeta que fez a cabeça da poesia concreta no Brasil (Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pgnatari). De Marx já se comentou muito sobre a sua concepção de literatura e das artes, mas ainda não havia ainda sido feito um estudo sobre o seu estilo literário, e nisso vale distinguir estilo de arte: o estilo pode ser artístico, mas não se restringe à arte. O cineasta Guy Debord em seu livro *A Sociedade do Espetáculo* assinalou a essência do capitalismo vídeo-financeiro por nós explicitado desde o livro *Collor, a Cocaína dos Pobres*. Cito-o: “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem.”

Estilo e Conceito

Ludovico viveu uma vida intensa, mas leu a vida também. Reparou que a dialética de Marx estava em seus versos juvenis: “percebe o que pensa e pensa o que sente”. Citava *O Capital*, livro que deveria ser lido como um “todo artístico”. Marx começou pela poesia e, até o final de sua vida, o estilo literário foi o segredo de sua investigação científica, escreveu movido por uma paixão transformadora, queria ser entendido pela classe trabalhadora. O objetivo último de Marx, segundo Ludovico, era a autonegação como intelectual, sua obra teria de ser finalmente absorvida pelo povo. Atento ao estilo literário, sublinhou a forma poemática do *Manifesto do Partido Comunista*. A propósito lembrei-me de uma frase de Glauber Rocha: “prefiro a liberdade do estilo que a segurança da arte”. Quanto a Marx, o estilo foi uma necessidade dele para formular conceitos. E Ludovico? Mescla estilística de poesia e filosofia? Ele gostava mais de ser chamado poeta. Sua poesia começou em 1958 tematizando a morte, o tempo, o vinho. Intitulou um de seus livros “El Suicida y la Libertad”. Realçou o paradoxo: o suicida é o único mortal que mata a morte. Não importa que venha com a bebida a morte. “Embriagate una noche más si quieres”.

Outro livro seu de poesia tinha como título: Escribe y Pasa. A consciência onipresente do tempo e o fim da vida. O livro *In Vino Veritas* foi escrito seis anos depois de *O Estilo*

Literário de Marx, no qual descobriu as contraposições e os opostos, a luz que nasce da sombra e a harmonia que medra do claro-escuro. Engano é imaginar um Ludovico louco suicida amante da morte: “uno puede hablar mucho de muerte y tinieblas, siempre en nome de la luz e de la vida.”

Clareza e Escuridão

A esta frase de Labriola, que Trotsky amava (“as ideias não caem do céu”), Ludovico acrescentou: “as ideias não estão em nenhum lugar celeste”. A ideologia coloca a ideia como base da sociedade. Parafraçando Marx, o ideólogo “cree que el edificio sostiene a los cimientos, y no los cimientos al edificio.” Aqui está delineado o conceito de mais-valia ideológica: “la ideologia vive y se desarrolla en la estructura social misma, es su continuación interior y tiene, dentro de ella, un papel cotidiano y activo.” A mais-valia ideológica justifica a exploração econômica e é, em si mesma, uma exploração. Não está acima da situação material nem fora, está dentro. A mais-valia ideológica é, na esfera psíquica do homem televisionado, a expressão do desenvolvimento desigual capitalista. O livro *A Mais-Valia Ideológica* foi publicado em 1970, a década da expansão ampliada da TV, principalmente na América Latina.

O poeta Ludovico deu valor cognitivo às metáforas, sabia que há metáforas que enganam ou não contribuem para o entendimento da realidade social, mas não colocou uma contraposição rígida entre metáfora e categoria científica. O estudo da linguagem foi o seu forte. Antes de escrever *A Mais-valia Ideológica*, leu Ernest Robert Curtius, citado em quase todos os seus livros. Para ele, o livro de Ernest Curtius era tão importante quanto *A Crítica da Economia Política* de Karl Marx. Citava-o amiúde para realçar a função cognitiva da poesia, que não era diferente da filosofia. O poeta venezuelano viu Rimbaud em Marx, a economia política encarada sob o ângulo da poesia, percebeu que a tela da televisão, o veículo eletrônico da mais-valia ideológica, rouba a energia psíquica do trabalhador fora da fábrica. Marx não viveu a época do rádio, Stalin subiu ao poder sem televisão. Dir-se-ia que a televisão de Stalin foi a burocracia, o partido do funcionário público. Alguns anos depois de publicado *A Mais-valia Ideológica*, escreveu um poema sobre seu pai que morreu sentado no sofá vendo televisão, ou seja, como um produtor de mais-valia ideológica, uma vítima do capitalismo vídeo-financeiro. Seu pai morreu com “el sueño insomne”, título extraído de um ensaio de Theodor Adorno, no qual o material onírico na sociedade das mercadorias é feito pelos programas de televisão. Em Ludovico Silva, tal qual em Karl Marx, o estilo literário deixa mais claro o conceito, de modo que a linguagem da poesia é reflexiva e filosófica, o conceito

converte-se em expressão e beleza. É possível afirmar que o Karl Marx poeta nasceu outra vez, com Ludovico Silva, em Caracas.

Desde jovem Marx foi afeiçoado às metáforas, tinha pela metáfora um alto apreço gnosiológico, que desvela o real tanto quanto a categoria científica, às vezes sendo até mais importante do que esta. Não se trata de estetizar Marx, ou literalizar a dialética, como se ele fosse um parnasiano. O que Ludovico assinala é a necessidade do estilo para acentuar a justeza do conceito. Trata-se de uma “sabedoria expressiva”, daí a necessidade de analisar a obra de Marx do ponto de vista estilístico. Eis a tese: Marx precisou de um estilo literário para expressar a realidade histórica e conceitualizar as relações sociais e o movimento real da história, ou seja, o regime social e as relações materiais entre os homens. Portanto, a distinção material e espiritual não pode ser hipostasiada. O estilo literário de Marx forneceu-lhe o método para a elaboração do conceito de mais-valia ideológica. O que existe então é uma correspondência entre o estilo literário de Marx e o conceito de mais-valia ideológica de Ludovico. A ênfase deste não é apenas na contraposição conceitual, e sim nas contraposições verbais.

A mais-valia ideológica nos oferece a explicação do trabalhador prestar lealdade ao capital, que produz para o mercado, e não para as necessidades humanas. Um leitor brasileiro de Ludovico não poderá olhar para a favela sem que lhe venha à mente a categoria de mais-valia ideológica. As classes marginalizadas, as classes sobrantes estão fora do aparato produtivo, não são economicamente exploradas como força de trabalho produtivo, mas não deixam de estar dentro do mercado quando estão vendo televisão, de modo que a mais-valia ideológica opera com um trabalho psíquico excedente nas classes marginalizadas. O povão é seduzido pela televisão e pelos partidos políticos reacionários.

Esquerda sem Olhos e Ouvidos

Ludovico mostra o desdobramento das frases opostas no estilo de Marx, por exemplo, o trabalhador é um homem que só sente livre em suas funções de animal, ou seja, quando come, bebe e dorme. Ele se sente um animal quando trabalha, o animal se converte no humano e o humano no animal. Esses conjuntos verbais opostos têm por função esclarecer expressivamente o que é a alienação do ponto de vista conceitual. O estilo não é uma vestimenta da ideia, no caso de Marx o estilo não se compraz em designar fenômenos, é antes um estilo que representa os fenômenos, como se as palavras se convertessem em atores sobre um tablado, a linguagem de Marx é o “teatro de sua dialética”, o pensamento é fiel ao seu estilo e seu estilo é fiel ao seu pensamento. O estilo surge como necessidade expressional dos antagonismos sociais e da luta de classe. O fetichismo mercantil não é senão uma grande

metáfora que implica analogia entre o “feitiço” e o trabalho alienado, o dinheiro é uma relação social que vira uma coisa e o feitiço é produto da alienação do trabalho, ou seja, não só do produto do trabalho como da atividade produtiva em si.

Marx foi buscar a palavra portuguesa “feitiço” para explicar um dos fenômenos mais importantes da alienação social e econômica na sociedade capitalista: as coisas são personificadas e as pessoas coisificadas. Para o capitalista, o operário como pessoa humana não interessa, para o capitalista o operário é uma mercadoria, por outro lado, para o operário a mercadoria produzida por ele mesmo se converte em um fetiche, ao qual ele deve a própria vida, é um meio de vida, ou seja, há uma auto-alienação humana tanto da parte do capitalista quanto da parte do operário, só que o capitalista vive bem na alienação. Esta é a sua razão de ser. Aparentemente é o Estado quem faz a política, mas na realidade o que está por trás do Estado é o capital. Então, considerar que o Estado é o órgão fundamental da política é um equívoco. A aparência é que o Estado dirige a política, que as funções do Estado sejam as coisas mais importantes da sociedade, mas na verdade as funções realmente importantes são regidas pelo capital, valor de uso, valor de troca, salário, força de trabalho, sistema monetário, mercado, etc.

Ludovico ousou em juntar a mais valia material com a ideologia para designar o processo de exploração do capitalismo televisivo, no qual a energia psíquica do trabalhador assalariado (e também da massa marginalizada) é extraída para garantir a reprodução do sistema econômico. Hoje o conceito de alienação do ponto de vista marxista é lacunar se não for levado em consideração o que Ludovico Silva escreveu sobre a mais-valia ideológica, categoria de tamanha importância analítica quanto à reprodutividade da obra de arte (Walter Benjamim), a indústria cultural (Adorno e Horkheimer), dessublimação repressiva (Marcuse), consciência de classe adjudicada (Lukács) e a sociedade do espetáculo, a formulação de Guy Debord, cujo livro foi publicado no final da década de sessenta, coincidindo com o de Ludovico Silva sobre a mais-valia ideológica, embora um não fizesse referência ao outro, o poeta venezuelano partiu antes, em 1988, Guy Debord morreu em 1994. A sociedade do espetáculo está baseada na mais-valia ideológica do trabalhador diante da televisão, seja o trabalhador sindicalizado, seja o provisório, seja o subempregado, seja o proletário ou o lupemproletário. Ambos marxistas, Ludo e Guy não queriam apenas conhecer a realidade e sim transformá-la, de modo que o espetáculo da exploração material e psíquica do capital monopolista constitui o principal obstáculo para a classe operária tomar consciência como classe social. A tecnologia eletrônica dá o suporte material para ilusão, que é sempre de caráter religioso, Debord cita Feuerbach (“a ilusão é sagrada”, a essência do cristianismo), Ludovico cita Marx sobre os sacerdotes como os primeiros ideológicos com o objetivo de

mostrar a conexão entre Cristo, mediador de Deus e os homens, e a mercadoria televisiva, que é a mercadoria por excelência do capitalismo vídeo financeiro monopolista.

Valor de uso e Telenovela

Debord assinalou que no capitalismo do espetáculo existe “a baixa tendência do valor de uso”, que na atual acumulação financeira do capital manifesta na trapaça dos bens e serviços. É que com a erosão do valor de uso causada pela especulação financeira do capitalismo monopolista absolutamente tudo está malhado: da couve na quitanda à peça do avião que ainda não caiu. Fácil é apontar a utilidade da sandália de Aristóteles, o problema no entanto é a existência da telenovela como um tipo de mercadoria cujo valor de uso é problemático inclusive para satisfazer a demanda de fantasia do espectador, mas exerce o maior poder de persuasão psicológica. Isso me foi revelado quando Collor chegou à presidência da república em 1989. Com a metáfora de Marx sobre o ópio do povo, escrevi o livro *Collor A Cocaína dos Pobres*. A telenovela é a droga que determina o voto, a televisão aparece como a tomada do Estado, o que não deixa de ser uma diatribe para a teoria política do Estado. Debord certamente nunca ouviu falar de telenovela, acredito que tampouco Ludovico Silva conheceu a telenovela brasileira; no entanto escreveram sobre o espetáculo e a mais-valia ideológica, esclareceram a função religiosa da televisão. E, nesse aspecto, são diferentes de Pier Paolo Pasolini que viu a televisão como um aparelho fascista e envilecedor do homem médio, mas a separou do Vaticano, como se este fosse perder o poder com a expansão profana e televisiva do capitalismo. O capital instrumentaliza a televisão como um aparelho dentro da igreja, conforme as igrejas universais com a sedução falaciosa e manipuladora da autoajuda. É por isso que o poder do Planalto em Brasília (representado por diferentes personalidades como FHC, Lula e Dilma) está em simbiose com o capital financeiro, a televisão e a igreja. Conquanto portadora da alienada e espetaculosa ilusão religiosa, a telenovela não é beata, como aliás a igreja também não o é, dizia na Argentina Juan José Hernández Arregui, em seu livro, *Peronismo y Socialismo*.

No poder o partido dos trabalhadores, que divide o mundo entre operosos e ociosos como fazia Saint Simón segundo Engels (“no conceito de trabalhadores não entravam somente os operários assalariados, mas também os industriais, os comerciantes e os banqueiros”), em seu livro *Anti-Duhring*, apoia-se na televisão e na igreja. O hedonismo profano da telenovela funciona como contrapartida necessária da caridade na igreja e ambos se completam, pois burguesia benévola nunca existiu, a não ser na cabeça filantrópica de Luis Inácio Lula.

Babalorixá das ciências sociais, Roger Bastide informou que a igreja católica no Brasil (que tinha escravos trabalhando para ela) foi contra o pagé, assim como Antonil, especialista em engenho de açúcar, recomendava o seguinte para os proprietários latifundiários: que os escravos cantem e dançam. Samba. Jongo. Lundu. Umbigada. Tudo isso (não havia ainda futebol) ajudava o negro a procriar e com isso aumentava o estoque de escravos.

Faltava na teoria marxista do subdesenvolvimento a reflexão sobre a televisão e os seus efeitos no inconsciente do homem latino-americano. E isso foi feito, e só poderia ter sido, por um poeta que transfigurou a filosofia em versos e estes em conhecimento filosófico. A mais valia é sinestésica, pega todos os sentidos, vai do trabalho não pago até a energia psíquica extraída do espectador de TV. Ludovico Silva aprendeu com Ernest Robert Curtius que a poesia tem função cognitiva tanto quanto a filosofia. Este livro de Curtius, *European Literature and the Latin Middle Ages*, foi colocado por ele no mesmo patamar de *A Crítica da Economia Política* de Karl Marx, ou as *Flores do Mal* de Charles Baudelaire, o poeta que tinha ódio do dinheiro.

O conceito de maneirismo na linguagem, tão caro a Ludovico em contraposição ao clássico, deve-se a Curtius que abordou a forma literária maneirista de Mallarmé e Joyce. Sobre o Brasil encontrei em sua obra somente elogio à poesia concreta (Décio, Haroldo e Augusto de Campos) e a Darcy Ribeiro. Quando já não mais existe vontade de ler poesia (o público leitor), quando as condições sociais do capitalismo são hostis à necessidade do poema, Ludovico Silva eleva a arte poética no mesmo patamar da revolução proletária. Beleza é revolução. E não há dois Ludovicos, um poeta e outro filósofo, talvez o escritor de ensaios é mais esperançoso e otimista do que o desalentado poeta (“tal vez sea la muerte lo mejor que tiene la vida... nunca he vivido, no he hecho más que morir todas las vidas... mi tiempo es angustia... tengo la certidumbre de estar muerto...”); todavia a vitalidade histórica, o estilo literário de Marx é a medula da prosa e da poesia ludoviquianas. Em sua prosódia órfica, *Meditación Cantada* (o tempo que passa remete aos “huesos”, ossos, a palavra mais frequente em seu léxico de poeta), a epígrafe é extraída da obra *Grundrisse*: “o tempo é o espaço do desenvolvimento histórico do homem”. Projetou escrever a teoria poética de Homero a Rubens Dario (a bebida não lhe tirou a “autodisciplina” como disse em 1980 seu amigo Arturo Uslar Pietri). Escreveu estes versos sobre o poeta da Nicarágua, neles está por inteiro o Ludovico:

*mi mundo és tambien úmbrio,
pero ambos vamos hacia um mundo
donde el dolor de haber vivido
se mesclará com la alegría
de haber realizado um destino*

*que nos conducirá a la gloria
y nos librerá del olvido.*

Bibliografía:

ARREGUI, Juan José Hernández. *Peronismo y Socialismo*. 2.Ed. Buenos Aires: Edição do Autor, 1972

BASTIDE, Roger. *Les Religions Africaines au Brésil*. Paris: Press Universitaires de France, 1960

CURTIUS, Ernest Robert. *European Literature and the latin Middle Age*. New York: Bollingen Foundation, 1973

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

SILVA, Ludovico. *Belleza y Revolución*. Valencia: Vadell Hermanos, 1979

_____. *En Busca del Socialismo Perdido*. Caracas: Pomaire-Fuentes, 1991

_____. *Escritos Filosóficos*. Buenos Aires: Ceip, 2004

_____. *Teoria Poetica*. Caracas: Equinoccio, 2008